

## Avanços e entraves na pesquisa em dramaturgia.

Catarina Sant'Anna (UFBA)

GT: Dramaturgia - tradição e contemporaneidade.

Palavras-chaves: dramaturgia – pesquisa – entraves - avanços

**Resumo:** Considerando as dificuldades encontradas pelas pesquisas sobre dramaturgia nas universidades brasileiras, tenta-se esboçar nesta comunicação as diferentes visões sobre a dramaturgia, registradas nos seis primeiros volumes publicados pela Abrace, para depreender alguns dos grandes eixos de interesse e concluir sobre os avanços e entraves no universo dessas pesquisas, pelo menos comparativamente à pesquisa feita em outros países.

As seis primeiras edições de textos da Abrace<sup>1</sup> refletem os caminhos da pesquisa em dramaturgia no país pelo menos de três formas: através das comunicações apresentadas, dos relatos feitos pela coordenação do GT e da própria organização dos eventos nos primeiros anos. O primeiro congresso (Memória ABRACE III, p. 22-23) resistiu inicialmente à proposta de um “GT de Dramaturgia” feita logo na fundação da Abrace em fins de 1998 e re-apresentada em janeiro de 1999, reunindo assim as comunicações: Espetáculo: processos e leituras; Atuação: formação e prática; Metodologia: investigação e formação; Teoria e História; Educação: ensino e ação cultural; Texto: criação e transformação. Os GTs também foram seis: Teatro e Brasilidade; Dança e Brasilidade; Multiculturalismo; Texto e Intertextualidade; Territórios e Fronteiras; e Vias Alternativas. O GT “Texto e Intertextualidade” centrou-se na “intertextualidade” enquanto um procedimento contemporâneo de construção textual e cênica; o termo “texto” foi referido como “texto dramático”, embora o termo “dramaturgia” fosse compreendido também com “escritura cênica”. O público do GT citou pontos para eventos futuros: o estatuto “precário” do texto dramático, como objeto não mais privilegiado da teoria crítica face à encenação e devido à condição multi-autoral do teatro contemporâneo; “a transposição do texto dramático para a linguagem da mídia (rádio, cinema, televisão)”; “o fenômeno da reprodutibilidade dos gêneros dramáticos visando ao consumo – por esquemas de construção que vulgarizem e descaracterizem o gênero”; “a perda do lugar privilegiado do texto no discurso historiográfico”; “a pertinência da tarefa do pesquisador na decifração dos materiais oferecidos no produto intertextual” e esta decifração estudada da perspectiva da recepção dos textos pelos espectadores; “a superação dos riscos de esquematização e vulgarização conceitual” na aplicação das teorias à análise do “material textual” e, por último, “os limites éticos e estéticos do processo de construção, adaptação e reconstrução do texto”. Já a primeira reunião científica reuniu as comunicações em quatro “blocos temáticos” (Memória ABRACE II, p.7): “Dança: corpo e processos coreográficos”; “Teatro e Espetacularidade: processos e leituras”; “Teatro: estética e recepção”; “Teatro e dança: crítica e processos criativos”. Numa das mesas redondas (não publicadas) foi novamente proposto um grupo de trabalho para tratar da dramaturgia – “GT Dramaturgia –

<sup>1</sup> Só acompanhamos a atuação da ABRACE até ali, por nos ausentarmos do país.

tradição e contemporaneidade”, finalmente aceito. O terceiro volume (Memória ABRACE III, p. 50), que apresenta os GTs para o II Congresso, traz o perfil de cada GT – o nosso contava então com somente oito pesquisadores permanentes (04 da UFBA, 01 da UNI-RIO, 01 da UNESP; 01 da FAP e 01 da UFPe) e expôs em fragmentos de textos as querelas sobre as relações entre texto e encenação, que hoje acreditamos já estarem ultrapassadas. Previa-se, como funcionamento do GT a “eleição de pautas para discussão” via internete, a ligação do GT com grupos similares de outras associações tais como “International Federation of Theatre Research”, e a circulação de notícias gerais entre os membros do GT sobre conferências, eventos, lançamento de livros e revistas, publicação de artigos e traduções, defesas de tese e trabalhos de assessoria dramaturgical. Pensou-se em repertoriar dramaturgos brasileiros para publicação, e em identificar obras estrangeiras essenciais para tradução. O volume seguinte, *Memória ABRACE IV*, traz os resumos para o II Congresso, inclusive o de uma conferência centrada na “oralidade e memória”, para “*reconstituir a narrativa coletiva através das múltiplas vozes que fazem a vida teatral: autores, atores, diretores, técnicos, críticos*”, mas também o público, “*destinatário das obras teatrais, receptor e co-participante ativo*”<sup>2</sup>; veja-se que o “método de relatos de vida e demais documentos orais do tipo etnotextual” inclui os dramaturgos. Já nos Anais do II Congresso (*Memória ABRACE V*), se o GT de Dramaturgia registra ainda alguns resíduos das querelas dos primeiros tempos entre texto e encenação, também apresenta pesquisas que avançam para uma melhor avaliação e superação dessas questões (a identificação de uma estrutura “musical” em *Ésquilo*, como dramaturgo atento às condições concretas de encenação; o questionamento do texto como “documento seguro”; os graus de oralidade potenciais do texto; possibilidades dramáticas de obras não endereçadas ao teatro, etc). Pareceu-nos que os pesquisadores não restritos apenas à análise lingüística dos textos, estavam mais à vontade para enfrentar as novas realidades em dramaturgia, e também para reavaliar a tradição de pensamento sobre a dramaturgia clássica (conhecimento musical para reler *Ésquilo*, conhecimento de direção e interpretação teatral para lidar com textos não feitos para o teatro, ou para rever como “texto aberto” ao jogo da encenação os textos sempre julgados pobres em seu esquematismo). Aos poucos, nesses primeiros anos, rompeu-se a barreira do espanto em face do contemporâneo, para começar-se a tateá-lo de diferentes modos, em parte intuitivamente, em parte calçados na informação.

O grande entrave nas pesquisas em dramaturgia pareceu-nos ser a falta de circulação das pesquisas em forma impressa – fato minimizado um pouco atualmente pela disponibilização desse material nos sítios web dos programas de pós-graduação. Mas não basta. Propomos que a ABRACE sugira ao MEC a reativação de todas as EDITORAS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS, para que se reverta urgentemente o panorama perverso de editoração no país em relação aos pesquisadores universitários. As editoras não-universitárias quando por milagre decidem publicar um livro, ou não pagam nenhum direito autoral pelas vendas, mesmo que simbólico, ou exigem que o pesquisador pague inteiramente a publicação (por vezes o equivalente a quase dez salários de um professor federal). O absurdo é que, mesmo assim, as obras publicadas não são distribuídas. Propomos que os conselhos editoriais das universidades federais sejam regidos por um sistema de avaliação semelhante ao dos programas de pós-graduação que misturem

---

<sup>2</sup> “Vozes e Memórias do Palco”, de Idelette Muzart Fonseca dos Santos, Universidade Paris X- Nanterre, in *Memória ABRACE IV*, p. 13.

professores de todos os programas do país. Que nossa dramaturgia de todas as épocas e monografias, dissertações, teses, antologias, anais de eventos acadêmicos, como também documentos antigos e traduções de obras estrangeiras sejam prioridades. Somente a abundância de informação impressa a baixo custo para todos poderá fazer avançar a pesquisa em dramaturgia. Precisamos de textos de todas as épocas e países.

A falta de documentos para a variedade de escritas e experimentos em dramaturgia dentro e fora do país, assim como investigações de todo tipo sobre textos clássicos e contemporâneos, tende a produzir uma desinformação nociva ao avanço geral das pesquisas. Tanto mais que, em virtude da nossa História de país jovem com dificuldades de toda ordem, vemo-nos destituídos de uma tradição dramática e de uma tradição crítica minimamente consolidadas, faltando-nos até mesmo uma História consistente para nosso teatro – segundo Sábato Magaldi, uma boa História requer uma abundância de monografias sobre todos os aspectos do teatro brasileiro. Devido às dificuldades naturais que uma pesquisa em arquivos impõe, somadas à urgência de se cumprirem os prazos impostos pelos programas de pós-graduação, raríssimas são as pesquisas com documentos primários (manuscritos, velhas edições, cartas, etc). À nossa formação, além do exposto, falta o domínio de línguas estrangeiras ao menos para leitura, o que impõe a urgência de numerosas traduções durante um longo tempo, para alavancar o patamar de informação. A falta de familiaridade com textos de diferentes épocas e países e com as diferentes estéticas elaboradas através da história dificulta sobretudo o tratamento da dramaturgia contemporânea, que requer também um conhecimento minucioso da evolução da escrita para a cena através dos tempos. Desse modo, os países de longa tradição teatral e de farta documentação podem, por exemplo, até mesmo elaborar léxicos<sup>3</sup> para os novos tempos, fazendo pontes minuciosas entre o antigo e o novo e, muitas vezes, até constatar que o novo não é tão radical quanto aparenta ser; justamente por ter sido precedido de uma série de transformações, por vezes esparsas, mas que uma abundância de documentos disponíveis e um sólido conhecimento teórico podem identificar metodicamente; sobretudo se a pesquisa perseguir pontos precisos por um conjunto de pesquisadores integrados. Por outro lado, é claro que a massa crítica de conhecimento teatral de um país se desenvolve também pela provocação do panorama teatral do próprio país. Tudo se interliga. E precisa de informação.

---

<sup>3</sup> *Études Théâtrales* N° 22 [Poétique du Drame Moderne et Contemporain. Lexique d'une recherche]. Direção de Jean-Pierre Sarrazac. Louvain-Centre d'Études Théâtrales; Paris-Institut d'Études Théâtrales, 2001.

**Bibliografia**

*Memória Abrace I* – Anais do I Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – São Paulo, 15 a 17 de setembro de 1999. Salvador, ABRACE, 2000. 664 p.

*Memória Abrace II* – Anais da I Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – Salvador, Escola de Dança da UFBA, 02 e 03 de maio de 2000. Salvador, ABRACE, 2000. 204 p.

*Memória Abrace III* – Como pesquisamos? Os Grupos de Pesquisa da Abrace. Salvador, 08 a 11 de outubro de 2001. Salvador, ABRACE, 2001. 190 p.

*Memória Abrace IV* – Livro de Resumos do II Congresso da Abrace – Salvador, 08 a 11 de outubro de 2001. Salvador, ABRACE, 2001. 109 p.

*Memória Abrace V* – Anais do II Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas [Como Pesquisamos?], – 08 a 11 de outubro de 2001, 02 volumes. Salvador, ABRACE, 2002. volumes I e 2, 1195 p.

*Memória Abrace VI* – Anais da II Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas [Registro e Difusão da Produção Acadêmica em Artes Cênicas no Brasil]. Escolas de Teatro e Dança da UFBA- Universidade Federal da Bahia, 27 e 28 de maio de 2002. Salvador, ABRACE, 2003. 223 p.